



VII Colóquio Internacional São Cristóvão/SE/Brasil
"Educação e Contemporaneidade" 19 a 21 de setembro de 2013
ISSN 1982-3657



PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NO BERÇÁRIO DA CRECHE: EXPERIÊNCIA DOCENTE E PESQUISA

Paula Rejane Santos Resende (Autora) ¹

Tamires Guilherme Gomes (Co-autora)²

Tacyana Karla Gomes Ramos (Co-autora)³

EIXO TEMÁTICO 11: Educação, Sociedade e Práticas Educativas

RESUMO

O presente artigo relata atividades pedagógicas vinculadas à pesquisa-ação cujas práticas foram vivenciadas durante um estágio supervisionado realizado numa escola municipal de Educação Infantil do município de Aracaju/SE. Os integrantes do estudo foram crianças de ambos os sexos, com idades entre dezoito a vinte e quatro meses, vinculadas a um agrupamento etário denominado Berçário III. Os dados foram produzidos através de sete encontros, dentre quais os primeiros foram designados à observação e familiarização com a turma e demais foram destinados à realização de práticas pedagógicas. Para o desenvolvimento das atividades foi elaborado um planejamento buscando considerar as características e peculiaridades socioafetivas da turma. Os resultados revelam a importância do planejamento na Educação Infantil e o desenvolvimento de práticas pedagógicas desde o berçário da creche.

PALAVRAS CHAVES: Práticas Pedagógicas; Educação Infantil; Estágio Supervisionado.

ABSTRACT

The aim of this work was to report the educational activities amid an analysis and reflection of teaching practices experienced during a supervised internship, held a municipal school in kindergarten in the city of Aracaju/SE. The members of the study children were linked to a grouping called Nursery III, with aged eighteen to twenty-four months. The stage was performed in seven meetings, among which the first were assigned to observation and familiarization with the class and others were intended to implement pedagogical practices. For the development of activities was prepared seeking planning consider the characteristics and peculiarities of the class. The results reveal the importance of planning in early childhood education, and the importance of developing Pedagogical practices in Nursery.

KEYWORDS: Pedagogical Practices. Early Childhood. Education Supervised.

Introdução

A Educação Infantil atravessa um importante momento histórico, marcado por intensas lutas, debates e

fóruns que visam à discussão sobre os seus avanços, desafios e políticas públicas que ampliem a qualidade da educação destinada às crianças pequenas.

Na contemporaneidade, a Educação Infantil é reconhecida como primeira etapa da Educação Básica, tendo como finalidade "o desenvolvimento integral da criança até cinco anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social" (BRASIL, 2009, p. 3), sinaliza para a adoção de metodologias dinâmicas, envolventes, interativas e contextualizadas nas especificidades do desenvolvimento infantil, pautadas em ações educacionais que reconheçam a infância como um tempo em si e que garantam a indissociabilidade entre cuidar da criança e educá-la.

Diante da atual vinculação institucional que a educação coletiva de crianças conquistou, a Educação Infantil atravessa um intenso processo de revisão de concepções, de seleção e de fortalecimento de práticas pedagógicas mediadoras de aprendizagens e do desenvolvimento das crianças. Em especial, têm se mostrado efervescente as discussões sobre a organização curricular junto às crianças de até três anos em unidades educativas.

Levando em consideração a recente identidade da Educação Infantil, o currículo desta primeira etapa da Educação Básica é concebido como "um conjunto de práticas que buscam articular as experiências e os saberes das crianças com os conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural, artístico, científico e tecnológico", efetivadas por meio de relações sociais entre parceiros de idade e adultos profissionais e pautadas na "integralidade das dimensões expressivo-motoras, afetiva, cognitiva, ética, estética e sociocultural das crianças" (BRASIL, 2009, p. 06).

Dentro dessa configuração em que se apresentam as proposições pedagógicas destinadas à Educação Infantil em instituições coletivas, a criança passa a ser reconhecida em todas as suas potencialidades (físicas, emocionais, afetivas e sociais), inserida no centro do planejamento pedagógico e vista como um ser capaz de interagir com o outro, com o tempo, com o mundo ao seu redor (BRASIL, 2009), participando de seu processo educativo e de seu desenvolvimento com os conhecimentos e recursos de que dispõe, desde bebê (RAMOS, 2010).

Entretanto, apesar dos avanços localizados na esfera legislativa no tocante à ampliação do acesso e ao reconhecimento da natureza educativa da Educação Infantil, as políticas públicas vigentes, capazes de garantir o acesso, a permanência e a qualidade desta primeira etapa da Educação Básica ainda são muito incipientes e carecem de ações mais arrojadas na perspectiva da garantia do direito da criança à Educação Infantil com a qualidade social que as crianças conquistaram.

Na inversão de tais rumos, parece produtivo o investimento na proposição de um ambiente pedagógico que tenha como foco a criança e como opção educativa a oferta de uma experiência de infância diversificada, na qual a qualidade seja discutida e socialmente partilhada com as famílias e a sociedade (BARBOSA, 2009).

Ampliando o debate, cabe acrescentar que concordamos com Ferreira (2002), Rocha (2008) e Ramos (2010) quando defendem a idéia da necessidade de ampliar as possibilidades de se ouvir, ver e perceber as crianças na interação e no convívio com as outras crianças e adultos, compreendendo o contexto educativo como um espaço de reconhecimento das manifestações e das expressões criadoras delas.

Dessa forma, para conhecer as crianças e planejar seu trabalho, o(a) professor(a) precisa aprender a construir um olhar interrogativo de modo a alcançar e apreender as experiências significantes para elas (TRISTÃO, 2005).

Por essa vertente de argumentação, Rocha (1999), na sua tese de doutoramento, visualiza a especificidade da educação coletiva das crianças em instituições, trazendo possibilidades de constituição de uma *Pedagogia da Infância* a partir das pesquisas em torno da criança e da sua educação, através do mapeamento das produções acadêmicas na área. Nos rumos de efetivação de tais perspectivas, segundo a

autora, o foco de atuação pedagógica dilui os modelos de educação tradicionais até então existentes com a intenção de construir uma educação infantil centrada num currículo que apoie e instigue os sujeitos sociais ativos e participativos no seu processo educacional. O eixo central da organização didática procura valorizar os interesses e as motivações das crianças nas práticas educativas que lhes são propostas pelos adultos profissionais, buscando fortalecer uma identidade para a educação da criança em seus primeiros anos de vida em sintonia com seus interesses, necessidades, motivações e especificidades de seu desenvolvimento socioafetivo e cognitivo.

Diante do exposto, este trabalho tem como objetivos investigar os modos de participação social das crianças em atividades pedagógicas planejadas por estagiárias em docência na educação infantil do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Cabe explicar que tal exercício de docência se configurou num dos requisitos para a conclusão do Componente Curricular *Estágio Supervisionado em Práticas de Ensino na Educação Infantil*, no período letivo de 2012.2.

A partir dos dados apresentados, elencamos a pergunta norteadora da presente investigação, qual seja: quais os modos de participação social das crianças nas atividades pedagógicas propostas pelos adultos estagiários em docência na Educação Infantil

Os caminhos teórico-metodológicos da investigação

Para atender aos objetivos do presente estudo, a metodologia utilizada foi a etnografia. Geertz (1989) explica que os elementos constituidores dos procedimentos etnográficos são a descrição densa da realidade e das relações observadas e a utilização de instrumento de recolha de dados que permitam a captação mais fidedigna possível das vivências dos atores pesquisados. O percurso metodológico baseia-se então na construção de uma escuta sensível para capturar e compreender crianças, adultos e suas interações (ROCHA, 2008; CRUZ, 2008).

Tal referencial teórico, adotado pela presente investigação, está embasado numa metodologia interpretativa, assim denominada em função de centrar-se na interpretação de um contexto específico com um grupo também singular (GRAUE e WASH, 2003; CORSARO, 2011) como é o caso do berçário da creche.

Participaram do presente estudo vinte e três crianças de ambos os sexos (doze meninos e onze meninas), com idades entre dezoito a vinte e quatro meses, integrantes do agrupamento etário denominado *Berçário III*, pertencentes a uma instituição municipal de educação infantil da cidade de Aracaju/SE.

Ao iniciar a relação de pesquisa com as crianças, consideramos como estratégia cuidadosa, adentrar nas rotinas dos sujeitos investigados e ir participando das atividades cotidianas em que estavam envolvidas as crianças, buscando empreender uma postura de quem respeitosa e pede acesso a elas e busca conhecê-las em suas necessidades, interesses e motivações, situação que demandou investimentos. Dessa forma, os primeiros dias de permanência na creche resumiram-se à observação e busca de proximidade com as crianças a fim de evitar o desconforto emocional do grupo infantil. Passado algum tempo de convivência e com a aceitação revelada por aquelas crianças integrantes do *Berçário III*, começamos a docência na sala investigada, desenvolvendo com as crianças as atividades pedagógicas que foram previamente planejadas a partir dos interesses e motivações socioafetivas do grupo. Cada atividade durou em média 40 minutos, foi desenvolvida uma vez por semana e realizada no horário entre 08h e 09h.

Para análise da participação social das crianças nas atividades pedagógicas planejadas, a fotografia foi incorporada como instrumento de recolha de informações. De acordo com Guimarães (2009), o uso da fotografia como recurso de pesquisa permite algo para além da ilustração dos acontecimentos cotidianos. O ato de fotografar traz à tona a postura crítica do investigador quando é ele quem fotografa. Há seleção ativa do que será registrado, evidenciando o seu olhar, o que envolve domínio técnico e sensibilidade. A foto revela o que o pesquisador acha importante ser visto, explica a referida autora.

No processo de produção de dados, as fotografias foram realizadas procurando capturar detalhes da participação social nas atividades pedagógicas que estavam sendo desenvolvidas. As informações capturadas pelo registro fotográfico foram depois complementadas com os relatos de campo das alunas em exercício de docência, promovendo reflexões impulsionadoras da compreensão do que ocorria no grupo investigado.

As fotos foram selecionadas e agrupadas em sequências interacionais denominadas de *episódios* (PEDROSA, 2005). Cabe explicar ainda que, no percurso de análise, as fotografias selecionadas foram vistas mais de uma vez, a fim de serem agrupadas sequências de registros que revelassem detalhes da participação social das crianças nas atividades pedagógicas que lhes foram dirigidas. As ações interativas das crianças nas atividades propostas foram consideradas como foco de análise. Dessa forma, procedeu-se a uma análise qualitativa dos dados que exigiu a investigação dos detalhes interativos que foram fotografados e ampliados com a análise dos registros do diário de campo. Houve também a construção de interpretações desses dados e a seleção de episódios interativos que dão visibilidades aos achados que foram descritos e serão apresentados a seguir.

Ao relatar as atividades, buscaremos explicitar os aspectos mais relevantes durante a execução de tais ações de acordo com o momento da rotina em que foi realizada. Nesse sentido, as sequências de atividades planejadas e realizadas abrangem os seguintes momentos da jornada diária do turno matutino: chegada das crianças, café da manhã, atividade dirigida pelo professor, atividade de livre escolha pelo grupo infantil, banho e almoço.

Resultados e Discussão

A principal informação que o estudo recolheu junto a meninas e meninos do Berçário III relaciona-se a seus corpos, suas formas de expressão e o conteúdo informante, comunicacional deste. Logo nas primeiras observações, buscamos compreender os sentidos dados pelas crianças na utilização de seus recursos corporais.

As crianças não negavam a sua participação nas atividades sugeridas, estavam sempre dispostas a participar. Assim, durante as atividades pedagógicas, as crianças expressavam a todo o momento seus modos de ser e interagir com o mundo "no" e "com" seus corpos. Foi nesse sentido que buscamos apreender seus sentidos e interfaces com a participação infantil, compreendendo que o corpo é um projeto inscrito no mundo: "seu movimento também é conhecimento e sentido prático. Percepção, intenção e ação entrelaçam-se nas relações com os outros" (LE BRETON, 2009, p.44).

Enfrentamos aqui o desafio de conhecer as formas como as crianças expressavam sua dimensão corporal nos seus movimentos e gestos, no intuito de revelar as formas como participam nas relações que estabeleciam com seus outros sociais, com objetos e pessoas, na procura de compreender o modo como as próprias crianças experimentam e constroem ideias através de movimentos, levando em consideração que não possuem linguagem oral desenvolvida para expressar suas opiniões.

Percebemos que o modo dos meninos e meninas se relacionar com os eventos pedagógicos que lhes foram apresentados, foi ativo, em movimento de ser e estar, assim construíam suas relações com e através de seu corpo, com pequenos e grandes movimentos, gestos e expressões.

Na tentativa de entender as formas próprias das crianças participarem, evidenciamos que no corpo das crianças residiam importantes contributos ao estudo, compreendendo que a comunicação é um processo dotado de múltiplos canais; o sistema global de comunicação inclui a gestualidade, a mímica, as posturas, a língua, os silêncios, a tonalidade da voz. Assim procuramos dar acento:

a vertente do corpo na comunicação, sobre a repartição gestual e mímica que corporifica a relação com os outros. Não é apenas a palavra, mas o corpo, as

atitudes e as posturas que primeiramente evidenciam a presença do outro na interação. [...]. Compreender a comunicação é também compreender a maneira como o sujeito, de corpo inteiro, nela participa. (LE BRETON, 2009, p. 40).

Então, num processo que buscou compreender esse emaranhado complexo de formas comunicacionais, interessada nos conteúdos expressos pelas crianças, assumindo, ainda, que a "interação solicita múltiplos canais que cada ator explora de acordo com suas particularidades pessoais, com seu estilo, com a natureza de seus vínculos com seus parceiros, etc." (LE BRETON, 2009, p. 68).

Durante o momento de chegada das crianças na creche, a primeira atividade desenvolvida foi vinculada ao eixo temático Movimentos/canções/identidade, onde procuramos trabalhar a partir de canções, movimentos com o corpo e ao mesmo tempo a identidade das crianças, tendo como mediação um *croqui* de alguns personagens ou objetos tratado na canção citada. Por exemplo, usamos a música "os cinco patinhos", ocasião na qual levamos um pato feito com material emborrachado que chamou bastante atenção das crianças, como pode ser visto na descrição a seguir:

As crianças que iam chegando na sala foram convidadas para sentar-se no chão junto com as estagiárias. Sofia (20 meses) foi uma das primeiras crianças a nos acompanhar, mas levantou-se rapidamente. Quando começamos a cantar a música "dos cinco patinhos", uma estagiária pegou um pato com uma das mãos e com a outra fez alguns movimentos que protagonizam a canção. Sofia voltou para a roda, sentou-se novamente e começou a imitar os movimentos que o adulto fazia, principalmente na estrofe "cinco patinhos foram passear além das montanhas para brincar". Na ocasião, Sofia imitava a aluna estagiária que estava cantando, fazendo movimentos verticais com a mão semifechada, como se estivesse simulando o caminho percorrido pelos patinhos. Anny (21 meses) também começou a imitar e além desses movimentos, a garota acompanhava outros momentos cantados, a exemplo do ocorria durante o trecho da canção "a mamãe gritou quá, quá, quá, quá". Na referida ocasião, Anny abria e fechava a mão com os dedos voltados para frente (Diário de Campo, 12/03/2013).

De acordo com a cena descrita, concordamos com a proposta curricular para berçários apontada por Brasil (2009) quando diz que "os bebês tentam imitar e responder, criando momentos significativos no desenvolvimento afetivo e cognitivo, responsáveis pela criação de vínculos, tanto com os adultos quanto com a música" (p.36).

As crianças que estavam a nossa volta e nos acompanhavam na canção, a exemplo de Anny, pararam de prestar atenção na canção e fixaram o seu olhar no pato que foi apresentado durante a execução da canção:

Anny (21 meses) pegou e segurou o pato, Sofia também quis pegá-lo, mas rapidamente virou-se para o lado e Anny a impediu de pegá-lo. Sofia então observou os demais *croquis* que estavam no colo de uma das alunas estagiárias. Depois disso as duas garotas se dispersaram da atividade, levantando-se da roda e passeando pela sala (Diário de Campo, 12/03/2013).

Entretanto, as crianças novatas[1] não interagiram na atividade apresentada, mesmo com o grupo de educadoras estagiárias incentivando as participações delas. Cabe esclarecer ainda que as crianças choravam muito no momento de chegada na sala, pois estavam em processo de adaptação e buscavam um maior contato social e afetivo com as educadoras estagiárias, a exemplo de Alisson (19 meses) e Wagner (20 meses).

Apesar desta primeira atividade não ter cativado a atenção nem engajado socialmente um número grande

de crianças, os *croquis* apresentados em meio à atividade chamaram bastante a atenção do grupo. Também a permissão de manuseio de tais materiais facilitou o intercâmbio de explorações entre os diferentes grupos de crianças que foram se formando após a realização da atividade dirigida pelas alunas estagiárias.

A segunda atividade realizada no momento da acolhida obteve melhores resultados quanto à participação social do grupo de crianças, pois elas interagiram e participaram até o final da atividade planejada. Tal atividade foi intitulada "Os três Porquinhos", já que a proposta foi a contação de história dos referidos personagens através de um painel com imagens da história mencionada. Os resultados da participação social do grupo nesta atividade serão descritos a seguir.

Quando começamos a fixar o painel na parede, imediatamente as crianças se aproximaram. Elisandra (17 meses) foi uma delas juntamente com Nicolas (19 meses). Os dois observaram o painel, depois tocaram nas figuras e a seguir tentaram puxá-las. As educadoras da creche nos ajudaram, solicitando que as crianças sentassem para ouvir a história, incentivando a participação do grupo dizendo: "olha, as outras tias vão fazer atividades!". Quando as crianças sentaram-se na roda, uma aluna estagiária começou a contar a história, dizendo "Era uma vez três porquinhos [...]". No entanto, as crianças neste momento inicial ainda não estavam muito atentas à história, a não ser Letícia (21 meses) que mostrou-se bastante observadora da narração que estava sendo feita. A aluna estagiária continua a contação da história: "[...] o lobo assoprou bem assim, ó! (mostrando como o lobo supostamente fez) e derrubou a casa de um dos porquinhos que era feita de palha [...]". Nesta ocasião, as crianças começaram a ficar mais atentas à história. Seguindo o enredo da história, o lobo derruba a casa do segundo porquinho. Então, antes de demonstrar o painel para o grupo e dar continuidade a narrativa, foi perguntado para as crianças como é que o lobo assoprou. A maioria mantinha o olhar fixo no painel, mas não responderam. Para nossa surpresa, surpresa Sofia que estava em pé, olhando o painel e imitando, faz um bico com lábios e levemente assoprava. Na continuação da história, a aluna estagiária falou "a casa do terceiro porquinho era forte, de tijolos, os dois porquinhos correram para lá o lobo então viu e começou assoprar... como foi que ele soprou Assim, ó!" Mais uma vez Sofia demonstrou como se fazia. Anny (21 meses), vendo Sofia (20 meses) imitando o lobo, também fez igual (Diário de Campo, 19/03/2013).

Com o fim desta atividade, ficou nítido que os resultados apresentados nesta foram melhores se comparados à atividade Movimentos/canções/identidade, pois mesmo sendo um momento em que algumas crianças ainda estavam chorosas, elas aos poucos interagiram e prestaram bastante atenção a toda história. Num comparativo entre as duas propostas, realizadas no momento da chegada das crianças, percebe-se que o painel por ser maior e bem mais colorido, proporcionou maior participação social das crianças para com a atividade.

O horário do banho também foi rico em interações com as crianças. Na atividade "Dando Vez as Crianças", a intenção do planejamento foi proporcionar um banho em que as crianças pudessem interagir com a aluna estagiária e conhecer partes de seu corpo. As ideias vinculadas a esse momento estão vinculadas às atuais Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (BRASIL, 2009, p. 26) quando esclarecem que é necessário "possibilitar situações de aprendizagem mediadas para a elaboração da autonomia das crianças nas ações de cuidado pessoal, auto-organização, saúde e bem-estar".

Vale mencionar que não tivemos a oportunidade de assumir totalmente este momento da prática já que uma das educadoras da creche sempre ficava à frente. Elas organizavam este momento dividido as ações

com cada criança entre duas pessoas. Assim, em apenas um dos dias nos foi permitido dar banho nas crianças e noutro colocar a fralda, perfume e pomada contra assaduras. Ressaltamos que as educadoras da sala realizavam o banho com muita rapidez, exigindo o mesmo de nossa parte, pois enquanto tentávamos realizar a proposta planejada por meio de um diálogo com a criança (olha o que é isso Onde você passa perfume Olha só que cheiroso você ficou!), elas já havia dado banho em outras crianças o que gerava na realização da atividade. Mas ainda foi possível realizar algumas observações como esta descrita a seguir.

Wagner (20 meses) foi um dos que mais chamou atenção, pois pegava os objetos para colocá-los na boca. Enquanto a aluna estagiária colocava a pomada nele, o garoto passava o dedo em cima da pomada e a levava até sua boca. Também pegava perfume ou creme de cabelo e levava a boca. Em outros momentos, enquanto arrumava Sofia (20 meses), ela se sentou e enquanto passava perfume a garota pegava a escova e penteava o seu cabelo. Daí a aluna estagiária começou a dar atenção a este momento, dizendo-lhe: "olha só como ela sabe pentear o cabelo!" (Diário de Campo, 12/03/2013).

Durante o período do almoço, as crianças estavam vivenciando uma nova rotina de aprender a se alimentar no refeitório. Para isso, as educadoras da creche estavam ensinando a formação de filas para evitar que as crianças corressem por toda a creche ao sair da sala. Para esse momento, planejamos uma proposta intitulada de "Mãos Amigas" com o objetivo de dividir a turma em grupos para irem até o refeitório de mãos dadas. Entretanto, como pode ser visto na cena descrita a seguir, não houve uma aceitação por parte das crianças quanto à atividade.

Chegou a hora do almoço, as educadoras disseram que era para as crianças irem para o refeitório. Então, dissemos para as crianças: "gente, agora nós vamos almoçar! Vamos pegar nas mãos dos amiguinhos para ir para o refeitório. Tá certo!" A educadora da sala abriu logo a porteira da sala. Algumas crianças se recusaram sair em fila e saíram correndo para o refeitório. Em meio ao amontoado que se formou na porta da sala, uma aluna estagiária incentivou Letícia (21 meses) a pegar na mão de João Pedro (20 meses). A proposta foi aceita e as duas crianças foram para o refeitório de mãos dadas. Letícia estava mais a frente tentou correr, mas como João Pedro estava caminhando devagar, ela o esperou. Ao se aproximar do refeitório, eles olhavam em direção a mesa onde estavam as demais crianças. De repente, Letícia viu a gaiola do passarinho que havia numa área ao lado do refeitório e mudou a direção. Pensamos que ela ia soltar a mão de João Pedro, não quisemos interferir e ver o que estava a acontecer e nos surpreendemos quando ela puxou o garoto para ir ver de perto os passarinhos. João Pedro caminhava devagar e, como o local estava molhado, nos aproximamos para evitar um acidente. Uma aluna estagiária disse que estava na hora do almoço e pediu que eles fossem se sentar a mesa (Diário de Campo, 12/03/2013).

Com o intuito de possibilitar que as crianças, entre si, desenvolvessem habilidades de autonomia, planejamos e desenvolvemos as atividades denominadas de "Passando Pela Corda" e "Trilhando o Caminho".

Na atividade trilhando o caminho pegamos fitas coloridas e anexamos no chão, delineando formas geométricas. Para tal, levamos em consideração o que cita Carvalho, Pedrosa e Rossetti-Ferreira (2012) sobre esta atividade: "além de um processo de curso, que permite que as crianças aprendam sobre eventos físicos ativamente experimentados em relação às possibilidades de seu corpo".

Com relação a segunda atividade mencionada, pedimos permissão à educadora da turma para fazer algumas alterações no espaço, pois foi necessário colocar os berços lado a lado em meio a sala e amarrar por cordão entre os móveis.

Nas duas atividades, obtivemos resultados positivos quanto ao engajamento social das crianças, apesar de que a primeira evadiu das nossas previsões, como pode ser visto nas descrições abaixo.

Na primeira atividade, as crianças ainda estavam lanchando quando fomos anexar às fitas coloridas no chão. Jackson (24 meses) saiu de perto da professora que estava entregando os lanches e sentou-se em cima da fita que estávamos anexando. Outras crianças também se aproximaram e se sentaram em cima da fita. Jackson (24 meses) se retirou. Anny (21 meses), Letícia (21 meses) e Nicolas (19 meses) não saíram de cima da fita. Letícia estava lanchando e tentando tirar a fita. Leo (24 meses) se aproximou e quando Letícia (21 meses) parou de mexer na fita, ele tentou tirá-la também. Outras crianças também se aproximaram como Wagner e imitavam as outras crianças, usando a pontinha do dedo indicador para arrebatar a fita que estava sendo fixada no chão. Deixamos que as crianças lanchassem para colocar as demais fitas. Passados alguns minutos, anexamos o restante das fitas em forma de triângulo, quadrado e retângulo. A ideia era trilhar por cima das fitas sem perder o equilíbrio com a ajuda de uma das alunas estagiárias. Incentivamos Nicolas à percorrer sobre as fitas, mas não insistimos já que esta é uma atividade de livre escolha. Então, ele logo sentou numa das pontas do desenho e com a ponta dos dedos pôs-se a arrancá-lo. Anjella (23 meses) ainda trilhou um dos caminhos feitos, mas logo depois foi observar as demais crianças. Junior (22 meses) também se pôs a brincar pulando com as pernas afastadas de modo que não pisasse na fita. Não precisou de muito tempo para eles conseguirem arrancar a maioria das fitas (Diário de Campo, 12/03/2013).

Mesmo as crianças não tendo seguido a proposta, deixamos que eles ficassem livres, pois era uma atividade de livre escolha. Além disso, concordamos com Soares, Sarmiento e Tomás (2004), quando defendem a ideia de que trabalhos desenvolvidos com crianças exige dos adultos o respeito pela privacidade e preferência das crianças de participar ou não das atividades propostas. E, levando em consideração que os objetivos elencados era desenvolver atividades que busquem trabalhar a autonomia, os resultados foram coerentes com os objetivos já que eles realizaram suas vontades, pois se puseram a tirar as fitas do chão.

Outra atividade de livre escolha também realizada foi intitulada por "quem vai pegar o coelhinho". O objetivo dessa atividade foi pegar o coelho de pelúcia pendurado numa corda em meio à sala. Mais uma vez alcançamos um ótimo resultado, pois grande parte das crianças participaram da atividade. Através desta brincadeira, procuramos estimular as crianças a criarem estratégias próprias e autônomas para conseguir pegar o coelho.

Quando ainda estávamos amarrando a corda, Jackson (24 meses) se aproxima com o carro que brincava e joga o objetivo para cima, tentando acertar o coelho. Em seguida, o garoto se afasta e as outras crianças se aproximam. Karol (24 meses) e Nicolas (19 meses) esticam os braços e pulam na tentativa de pegar o brinquedo pendurado. Karol (24 meses) continua tentando e Nicolas sai debaixo do coelho e senta de frente para a cena que se passa como se fosse somente assistir; agora, Leo tenta pegar também, mas para quando uma das integrantes do grupo balança o brinquedo. Hugo (22 meses), Anjella (23 meses) e mais quatro crianças ficam a olhar para o brinquedo a balançar. Karol volta a pular em

meio a gritos "Ai ai ai ai!". Leo (24 meses) também pula, mas cai sentado. Junior tenta pegar também com os braços esticados e pulando. Leo se levanta. Karol sai. João Pedro se aproxima tenta pegar e não consegue então ele pega o carro que está na mão de Nicolas. Neste momento a moça responsável pela higienização da sala chega, então, desamarramos a corda e deixamos que as crianças pegassem o coelho de pelúcia que estava pendurado (Diário de Campo, 12/03/2013).

Para este momento da rotina caracterizado por *Atividades dirigidas pelos adultos*, buscamos desenvolver uma sequência de atividades com o objetivo de a criança reconhecer a sua identidade e a das demais, por meio de interações e cooperação entre as crianças. Sendo assim, este projeto foi intitulado como "Eu e você: identidade".

Este projeto foi dividido numa sequência de quatro atividades assim nomeadas: O que tem dentro das caixinhas; Minha marquinha; fotografias e painel de fotos. Dentre as quatro atividades, destacaremos as três primeiras que serão descritas a seguir.

Na primeira atividade citada procuramos suscitar a curiosidade das crianças por meio de indagações, tais como "o que será que tem aqui dentro"

As crianças se aproximaram de uma vez só diante do objeto apresentado. Hugo (22 meses) pegou a caixa e a colocou em seu colo para tentar abri-la, outras crianças também queriam puxar para abrir. Um das alunas estagiárias se propôs a ajudar a abrir a caixinha. Depois de aberta, Hugo levantou a caixinha de modo que pudesse ver seu reflexo no espelho. Neste momento uma aluna estagiária falou: "Olha! Quem é esse". O garoto não respondeu, somente se olhava em meio a alguns sorrisos. Então, perguntamos: "olha só que sorriso lindo Hugo tem! Cadê a boca de Huguinho" Wagner (20 meses) puxou a caixa para seu colo, todos queriam se ver no espelho. Hugo e Wagner apenas se olharam, mas as demais crianças que não conseguiam se vê colocavam as mãos para sentir o objeto (Diário de Campo, 12/03/2013).

Para facilitar o desenvolvimento da segunda atividade, dividimos a turma do Berçário III em trio de crianças, escolhidas aleatoriamente. A proposta era ajudá-los a fazer a marquinha das suas mãos numa folha.

Inicialmente perguntamos quem gostaria de ir conosco para fora da sala. Eles continuaram brincando entre si, mas em seguida estendiamos a mão para uma delas e chamávamos, elas nos davam as mãos e nos seguiam. Ao chegarmos no refeitório, sentávamos e assim começávamos incentivá-los a participar da atividade dizendo "olha só o que nós trouxemos para vocês fazer a marquinha das suas mãos. vamos fazer a marquinha de sua mão" (Diário de Campo, 12/03/2013).

Nesta atividade, os resultados variaram de criança a criança e dentre todas, destacamos o trio formado por Anny, Alisson e Duda que apresentou uma ótima aceitação para com a atividade, como pode ser observado na cena a seguir.

Ao sentar-se na mesa, incentivamos as crianças a colocar a mão no mingal e assim marcar sua mão na folha. Alisson por alguns instantes só olhou. Mesmo com os nossos incentivos, ele não queria realizar a atividade, Anny (21 meses) também ficava só a olhar. Primeiramente Duda marcou levemente a sua mão no papel,

então, começamos a chamar sua atenção para a sua marquinha, dizendo “olha só a marquinha da mão dela!”. Ela olha para a mão. Depois de observar Duda, Alisson e Anny começam as suas produções, mas diferente de Duda, os garotos só usaram os dedos para tocar no mingual. Em alguns momentos fomos surpreendidas com algumas crianças quando elas se negaram a participar, como por exemplo, Jackson (24 meses). Assim que o chamamos, umas das educadoras nos falou discretamente, quero ver se ele vai participar ele não gosta de nenhuma brincadeira que sugere as mãos. Começamos a incentivá-lo, primeiramente ele negou balançando a cabeça, resolvemos não insistir. Ele ficou a observar então a outra menina. Quando estávamos quase terminando, ele, por si só, encosta alguns dos dedos dentro do mingal, em seguida os olha e começa a chorar. Então interferimos dizendo que iríamos lavar e o acompanhamos até a pia (Diário de Campo, 12/03/2013).

Conforme observamos, a atividade foi bem aceita pela maioria das crianças que até choraram para não deixar o local. Como pode ser visto, cada criança tem suas peculiaridades e como é afirmado nas Diretrizes Curriculares, dentro do espaço designado creche, é necessário propor atividades que reconheçam “[...]as especificidades etárias, das singularidades individuais e coletivas das crianças, promovendo interações entre crianças de mesma idade e crianças de diferentes idades; [...]” (BRASIL,2009, p. 23).

Os resultados apresentados na atividade “fotografias” que teve como objetivo reconhecer a sua identidade e a dos seus parceiros, na qual, além de trabalhar a identidade delas, buscaram fazer cada criança resgatar o nome-identidade de cada um de seus parceiros, o que resultou numa grande aceitação pelas crianças.

Para a realização desta atividade utilizamos somente fotografias da turma do Berçário III, que foram trabalhadas oralmente, como mostra a cena a seguir, a realização e os resultados apresentados nesta atividade.

Quando uma das integrantes do grupo começou a mostrar as fotos, muitas crianças ainda estavam intetidas entre si já que estavam brincando com materiais feitos de sucata, mas aos poucos foram se aproximando. Uma das cuidadoras nos ajudava a incentivar as crianças, incentivando-os a participarem da atividade suscitando neles o interesse de descobrir quem estava na foto. Marcela então perguntava “olha só esta foto; quem é esse!” Eles olharam para foto, tentaram pegar, mas não responderam, então ela continuou dizendo “será que é quem” (Diário de Campo, 19/03/2013).

As crianças participaram da atividade e isso se repercutiu até o final das apresentações das fotos, porém dentre as crianças participantes somente Sofia respondia as nossas indagações com diferentes maneiras: ora falava ora somente apontava, como, por exemplo, no momento em que estávamos trabalhando com a foto de Ana Julia, ela aponta para a menina que estava a sua frente. Neste momento, também fomos surpreendidas por Alex que também aponta para a garota.

Mas como já foi afirmado, cada criança tem uma forma de se comportar de interagir e se comunicar com o outro seja como adulto ou com seus parceiros de idade, assim como Anny que queria pegar, porém Karol somente olhava, Nicolas que já estava com a sua foto nas mãos ora olha para a que estar sendo trabalhada ora ficava a olhar a sua foto que estar em suas mãos.

Considerações finais

Em consonância com os dados apresentados, o trabalho pedagógico de qualidade no berçário da creche prevê, o planejamento e a organização de situações educativas socialmente relevantes e pessoalmente significativas, que ampliem possibilidades expressivas da criança e oportunizem brincadeiras entre pares, exercício da autonomia, construção de conhecimentos e partilha de significados, circunscrevendo, portanto, um espaço social de experiências favoráveis à formação de vínculos e coconstruções.

Cientes da importância de se promover atividades que proporcionem o relacionamento e a interação das crianças a partir de atividades com diversificadas metodologias como música, artes plásticas, fotografia, etc. (BRASIL, 2009) desenvolvemos uma sequência de atividades lúdicas que buscaram propiciar às crianças uma maior interação entre criança-criança e criança-adulto a fim de asseverar uma maior adaptação ao espaço, pois como o estágio foi realizado num período de adaptação das crianças ao espaço, procuramos desenvolver atividades que de forma harmoniosa, proporcionasse a elas uma maior confiança e segurança na permanência ao local.

A realização deste trabalho possibilitou fazer uma reflexão sobre algumas peculiaridades de cada criança observada, pois como ficou perceptível "cada criança apresenta um ritmo e uma forma própria de colocar-se nos relacionamentos e nas interações, de manifestar emoções e curiosidades, e elabora um modo próprio de agir nas diversas situações que vivencia [...]" (BRASIL, 2009, p. 7).

Além disso, é necessário planejar atividades a partir dos interesses das crianças e o contexto vivenciado por elas, de forma a propiciar às crianças uma rotina agradável e estimulante, permitindo, assim o seu desenvolvimento integral.

Notas _____

¹Tamires Guilherme Gomes é acadêmica do curso de Pedagogia na Universidade Federal de Sergipe, Campus Professor Educação José Aloísio de Campos, São Cristóvão. Integra o Grupo de Estudos e Pesquisas Criança, Infância e Educação (GEPCIE) na referida Universidade. E-mail: Tamires_guilherme@hotmail.com.

²Paula Rejane Santos Resende é acadêmica do curso de Pedagogia na Universidade Federal de Sergipe, Campus Professor José Aloísio de Campos, São Cristóvão. Integra o Grupo de Estudos e Pesquisas Criança, Infância e Educação (GEPCIE) na referida Universidade. E-mail: Paularejaner@hotmail.com.

³Tacyana Karla Gomes Ramos é professora doutora da Universidade Federal de Sergipe/Departamento de Educação e do Núcleo de Pós-Graduação em Educação. Integra o Grupo de Estudos e Pesquisa Criança, Infância e Educação (GEPCIE) na referida Universidade. E-mail: tacyanaramos@gmail.com

Referências

BARBOSA, Maria Carmen Silveira. **Práticas cotidianas na educação infantil** – Bases para a reflexão sobre as orientações curriculares. Ministério da Educação: Brasília, 2009.

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil**. Conselho nacional de educação câmara de educação

básica resolução, nº 5, de 17 de dezembro. 2009.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil / Secretaria de Educação Básica**. – Brasília: MEC, SEB, 2010.

BRASIL. Secretaria Municipal De Educação. **Proposta Curricular Para Berçários**, v.1 São José dos Campos, Divisão de Educação Infantil, 2009.

CARVALHO, Ana Maria Almeida PEDROSA, Maria Isabel; ROSSETTI_FERREIRA, Maria Clotilde. **Aprendendo Com Crianças De Zero A Seis Anos**. São Paulo: Cortez, 1ª edição, 2012.

CORSARO, William. **Sociologia da infância**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

CRUZ, Sílvia Helena Vieira (Org.). **A criança fala**: a escuta de crianças em pesquisas. São Paulo: Cortez, 2008.

DAHLBERG, Gunilla; MOSS, Peter; PENCE, Alan. **Qualidade na Educação da primeira infância**: perspectivas pós-modernas. Porto Alegre: Artmed, 2003.

EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella; FORMAN, George. **As cem linguagens da criança**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GRAUE, Elizabeth; WASH, Daniel. **Investigação etnográfica com crianças**: teorias, métodos e ética. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

GUIMARÃES, Daniela. Educação Infantil: espaços e experiências. In: CORSINO, Patrícia (Org.). **Educação Infantil**: cotidiano e políticas. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2009.

JABLON, Judy; DOMBRO Amy Laura; DICHELMILLER, Margo. **O poder da observação**. Porto Alegre: Artmed, 2009

LE BRETON, David. **A sociologia do corpo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

NONO, Maévi Anabel. **Identidade e Autonomia na Educação Infantil**. São José do Rio Preto. UNESP – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas. S/a.

OLIVEIRA-FORMOSINHO, Júlia (Org.). **Pedagogia(s) da infância**. Porto Alegre, 2007.

PEDROSA, Maria Isabel; CARVALHO, Ana Maria Almeida. Análise qualitativa de episódios de interação: uma reflexão sobre procedimentos e formas de uso. **Psicologia**: Reflexão e Crítica. Porto Alegre, v.18, n.3, p. 431-442, 2005.

RAMOS, Tacyana Karla Gomes Ramos. **A criança em interação social no berçário da creche e suas interfaces com a organização do ambiente pedagógico**. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2010.

-----ROCHA, Eloisa ROCHA, Eloisa Acires Candal. Por que ouvir as crianças
Algumas

questões para o debate científico interdisciplinar. In: CRUZ, Sílvia Helena Viera Cruz (Org.). **A criança fala**: a escuta da criança em pesquisas. São Paulo: Cortez, 2008.

_____. **A Pesquisa em Educação Infantil no Brasil**: trajetória recente e perspectiva de consolidação de uma Pedagogia da Educação Infantil. Florianópolis, Centro de Ciências da Educação, Núcleo de Publicações, 1999.

SOARES, Natália Fernandes; SARMENTO, Manuel Jacinto; TOMÀS, Catarina. **Investigação da infância e crianças como investigadoras: metodologias participativas dos mundos sociais das crianças**. Instituto de Estudos da Criança da Universidade do Minho, Portugal. p. 16-20, agosto, 2004.

TRISTÃO, Fernanda Carolina Dias. "Você viu que ele já está ficando de gatinho" Educadoras de creche e desenvolvimento infantil. In: MARTINS FILHO, Altino José (Org.). **Criança pede respeito**. Porto Alegre: Editora Mediação, 2005.

[1] Crianças que ingressaram na creche este ano.